PARA ONDE DEVEMOS IR E PARA ONDE NUNCA DEVERÍAMOS IR: OS LIMIARES DA VIDA

O que a bioética, a psicologia do desenvolvimento, a responsabilidade pelo futuro e a Agrosofia ensinam sobre os caminhos que fazem florescer e os limites que protegem o ser humano

Existe um ponto em que o cuidado vira controle, e existe um ponto em que a liberdade vira abandono. Entre esses dois extremos, a humanidade constrói, há séculos, os seus limiares: os lugares aonde nunca deveria ir e os caminhos que deveria trilhar sempre. Este texto reúne reflexões da bioética, da psicologia do desenvolvimento, da filosofia da responsabilidade e da Agrosofia para tentar responder a uma pergunta que atravessa toda formação humana, seja ela familiar, profissional ou espiritual: o que protege verdadeiramente a vida, e o que, em nome da proteção, acaba por sufocá-la?

O limite que nunca se cruza

A bioética contemporânea, desde o trabalho clássico de Beauchamp e Childress (2002), fixou quatro princípios que orientam qualquer relação de cuidado: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Nenhum deles é absoluto isoladamente, mas juntos formam uma bússola. O princípio da não maleficência, herdeiro direto do juramento hipocrático, condensa a mais antiga das proibições morais: antes de tudo, não causar dano. Esse é o primeiro nunca. Nunca deveríamos ir ao ponto de tratar outra pessoa, seja filho, colaborador, associado ou membro da comunidade, como instrumento de um projeto que não é dela. Autonomia, nesse sentido, não é apenas um conceito jurídico. É o reconhecimento de que a decisão livre do outro, mesmo quando parece imprudente aos nossos olhos, pertence a ele, e não a nós.

O tempo que não se atropela

A psicologia do desenvolvimento oferece outro limite igualmente severo. Erikson (1976), ao descrever os estágios da vida como crises psicossociais que precisam de tempo próprio para amadurecer, mostrou que atalhos cobram preço depois: identidade mal formada na juventude, intimidade não vivida na vida adulta, integridade não alcançada na velhice. Décadas mais tarde, Bronfenbrenner (1996) ampliou essa visão ao demonstrar que o desenvolvimento humano nunca acontece isolado, mas dentro de círculos concêntricos de influência, a família, a escola, o trabalho, a cultura, todos interligados. Nunca deveríamos ir, portanto, ao lugar da pressa, onde se decide sob urgência aquilo que só a maturação silenciosa deveria resolver. E sempre deveríamos ir ao encontro do tempo certo de cada pessoa e de cada contexto, respeitando o ritmo próprio de quem ainda está se formando.

A responsabilidade que se estende ao futuro

Hans Jonas (2006), em sua obra sobre a ética para a civilização tecnológica, alertou que o poder humano de agir cresceu muito mais depressa do que a capacidade humana de prever as consequências desse agir. Para Jonas, a ética tradicional bastava enquanto o efeito de nossas ações se limitava ao presente e aos que estavam por perto. Hoje, porém, decisões tomadas agora, na ciência, na tecnologia,

na exploração da natureza, alcançam gerações que ainda nem nasceram. Daí o seu imperativo: agir de modo que os efeitos da ação sejam compatíveis com a permanência de vida autêntica na Terra. Nunca deveríamos ir ao lugar da irresponsabilidade diante do futuro. Sempre deveríamos ir ao encontro de uma prudência que pensa além do próprio tempo de vida.

A autonomia que liberta

Paulo Freire (1996), em Pedagogia da autonomia, insistiu que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para que o outro produza o seu próprio saber. Essa é, talvez, a formulação mais precisa do segundo sempre: sempre deveríamos ir ao encontro da autonomia alheia, ainda que isso signifique deixar o outro errar, tropeçar e aprender pela própria experiência. Freire chamava de educação bancária aquela que apenas deposita conteúdo em quem aprende, sem respeitar sua bagagem e seu ritmo. É a mesma armadilha em que caem pais, líderes e formadores quando confundem proteção com controle.

A presença que nunca falta

Viktor Frankl (2010), escrevendo a partir da experiência extrema do campo de concentração, sustentou que o sentido da vida não desaparece nem diante do sofrimento mais agudo, mas que ele precisa ser testemunhado por alguém disposto a não abandonar o outro à própria sorte. Esse é o terceiro nunca: nunca deveríamos ir ao silêncio da indiferença diante da vida em risco, seja ela biológica, emocional ou espiritual. E o terceiro sempre é o gesto mais simples e mais exigente de todos: sempre deveríamos ir à presença concreta, ao lado de quem carrega mais do que consegue sustentar sozinho.

O que a terra já ensinava

Muito antes de qualquer teoria formal, a experiência do campo já guardava essa mesma sabedoria. Em texto publicado no portal www.loterio.com.br, Lotério (Uma espiga de milho) descreve como a espiga protege os grãos com a palha, cuidando da estrutura e da segurança da semente enquanto ela ainda precisa de proteção, mas sem jamais impedir que cada grão, ao amadurecer, siga o seu próprio destino na lavoura da vida. É a imagem exata do equilíbrio entre cuidar e libertar: proteger sem sufocar, acompanhar sem substituir. No conjunto de publicações reunidas em www.ainor.com.br, o mesmo princípio reaparece sob diferentes roupagens, na motivação humana, na longevidade ativa, na sucessão familiar e no cooperativismo, sempre girando em torno de uma mesma convicção, a de que o indivíduo não constrói sentido profundo sozinho, mas em relação, e que essa relação só é saudável quando respeita a liberdade de quem está do outro lado.

A síntese dos limiares

Há uma linha que atravessa todos esses limites e todos esses caminhos: o respeito pela liberdade alheia como forma mais alta de cuidado, e a recusa de qualquer atalho que sacrifique o processo de amadurecimento em nome de um resultado mais rápido ou mais confortável para quem decide. Nunca deveríamos ir ao controle disfarçado de proteção, à pressa disfarçada de eficiência, à indiferença disfarçada de respeito. Sempre deveríamos ir à autonomia que forma, ao tempo que amadurece, à presença que sustenta. É essa mesma linha que a Escritura já anunciava quando propunha à liberdade humana uma escolha, e não uma imposição: “A vida e a morte, a bênção e a maldição, pus diante de ti;

escolhe, pois, a vida” (Deuteronômio 30, 19).

Sobre o autor

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, mestre em Gestão de Políticas Públicas, teólogo e filósofo, criador da Agrosofia e desenvolvedor da Agroteologia. Filho de agricultores familiares de Vidal Ramos, Santa Catarina, construiu ao longo de mais de quatro décadas uma trajetória que uniu extensão rural, gestão pública, cooperativismo e comunicação, sempre voltada à motivação e ao desenvolvimento humano. É a partir dessa experiência concreta, formada tanto nos bancos universitários quanto na lida com famílias rurais, cooperativas e comunidades de fé, que ele desenvolve sua reflexão sobre os limites que protegem e os caminhos que fazem florescer a vida.

Referências

BEAUCHAMP, Tom L.; CHILDRESS, James F. Princípios de ética biomédica. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BRONFENBRENNER, Urie. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1996.

ERIKSON, Erik H. Infância e sociedade. Tradução de Gildásio Amado. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FRANKL, Viktor E. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JONAS, Hans. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Uma espiga de milho (motivação agrosófica). Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Ainor Francisco. Blog do Ainor. Disponível em: www.ainor.com.br.